

“Capoeira: Identificando estereótipos”
EMEF Mauro Faccio Gonçalves Zacaria
Profa. Cleide Sueli Viana Milaré

Ao trabalhar no início do ano letivo de 2008 uma apresentação com cordas, observei que muitos grupos colocaram movimentos da capoeira na atividade. Em sala de aula, questioneei quantos freqüentavam essa prática, constatando que vários costumavam utilizar dois espaços da comunidade: o “campinho do sabão” (denominação do campo de futebol) onde fazem apresentações e a Casa de Cultura¹ local onde têm aulas, treinam e jogam a capoeira.

A escola tem como proposta a emergência do exercício de cidadania e isso envolve o direito à diversidade cultural e o direito à equidade social. Antes de dar início ao meu trabalho fiz um mapeamento do bairro, observei a comunidade por onde passo todos os dias, conversei com alguns professores da escola e encontrei um livro contendo o registro da história do bairro, trabalho desenvolvido pela professora da sala de leitura com alunos do curso de Jovens e Adultos. Passo a descrever alguns dados: o local era na verdade, uma fazenda que foi loteada pelos herdeiros, daí possui alguns nomes que sugerem um ambiente mais rural, e tranquilo: Jardim, chácara, parque, etc. Apesar disso, a região está distante da tranquilidade ou beleza sugerida. A população aumenta assustadoramente e os programas habitacionais não dão conta de oferecer moradias dignas para todos.

Em relação ao acesso a outras vivências essa população extremamente numerosa não conta com nenhuma opção de lazer além do futebol, bar ou quadras das escolas públicas. Existem duas Casas de Cultura na região, porém poucos são os alunos que se referem a elas. Com o grande descaso do poder público e a falta de interesse do poder privado os moradores buscam alternativas para que o tempo livre seja ocupado. Os vários torneios e apresentações que acontecem no campinho de várzea que ainda resta, movimentam a população e animam as tardes de domingo.

¹ – Espaço cultural onde durante a semana são oferecidos cursos como: computação, capoeira, balé, teatro, música, artesanato para crianças e adolescentes da região.

Como incentivo geralmente os times recebem jogos de camisas, quase sempre com a identificação dos patrocinadores: vereadores que abusam da necessidade de moradores que se contentam com esse tipo de serviço.

Numa das partes mais altas do Jardim São Luís, bairro próximo à escola, funciona desde 2004, o Centro Rexona-Ades, com a união entre empresas privadas e o governo do Estado. Segundo Bernardinho, técnico de vôlei e pioneiro do projeto, *“o vôlei é utilizado como ferramenta de integração social e atende crianças entre 7 e 14 anos. A intenção é democratizar o esporte e utilizá-lo para dar noções de cidadania, tornando as crianças e os jovens conscientes de seus direitos e deveres e ajudar na formação do cidadão”*. (Folha de São Paulo, 22/11/04).

Nesta concepção, os atletas são considerados modelos a serem seguidos e as atividades esportivas são meios de inclusão, de disciplina, na defesa de que o treinamento esportivo desenvolva o “bom caráter” entre outras virtudes.

O que vem acontecendo na região onde está inserida a escola, como em toda a periferia de São Paulo, é um grande esforço da população no sentido de investir esforços, criatividade e possibilidades em iniciativas que minimizem os seus problemas e necessidades. Para isso, contam apenas com a solidariedade e envolvimento das pessoas que aqui residem.

Com o objetivo de contribuir com o Projeto Pedagógico da escola, e tornar as aulas de Educação Física em um espaço onde os alunos tenham a oportunidade de exercer habilidades democráticas de discussão e de participação, de questionamento dos pressupostos do senso comum da vida social, escolhi a manifestação corporal “Capoeira”, entendendo que o projeto que enfatizasse esse patrimônio poderia contribuir para que os alunos pudessem pensar em si mesmos e em seu relacionamento com os outros e com a cultura.

Ainda na fase de planejamento, discuti com um professor de Educação Física da escola os objetivos a serem alcançados e como poderia desenvolver as atividades, ficando decidido que conversaria com os alunos sobre algumas dúvidas, impressões e interesses que poderiam apresentar acerca da capoeira.

No primeiro encontro fizemos uma roda de conversa, levei para a aula várias fotos de pessoas jogando capoeira e alguns instrumentos musicais existentes na escola que são

utilizados nesta prática, perguntei aos alunos quem já tinha visto ou participado daquelas atividades e se alguém tocava algum daqueles instrumentos, os praticantes tiveram oportunidade de contar aonde iam, como eram suas aulas, identificaram movimentos e enquanto o Gabriel tocava o atabaque uma aluna disse: - *“Professora! esses instrumentos são de macumba”*.

Após esse diálogo, selecionei informações e decidi então que seria significativo para o grupo estudar alguns movimentos, a origem e história da capoeira, o reconhecimento de alguns instrumentos utilizados nesta prática e discussões acerca de preconceitos apresentados na conversa.

De posse dos dados constatados no mapeamento inicial, organizei as atividades de ensino para efetivação do projeto.

No encaminhamento da capoeira – Identificando estereótipos (nome escolhido em decorrência do grupo apresentar um problema a ser discutido - o preconceito) propus uma brincadeira com a finalidade de compreender quais eram as representações que os alunos tinham sobre o tema:

1) Conforme eram chamados, deveriam fazer um gesto ou falar uma palavra que se relacionasse à capoeira. À medida que eles declaravam seus saberes, eu ia registrando.

A seguir fizemos a brincadeira “fui pego na capoeira”. Eu trouxe o nome da brincadeira e seus personagens, os alunos elaboraram a seguinte atividade:

2) Brincadeira: “Fui pego na capoeira”

Personagens:

- Um fazendeiro
- Escravos
- 2 capitães-do-mato

Pedi para pensarem em estratégias para fugir e capturar. Nos dividimos em dois grupos: um de escravos e outro de capitães-do-mato e fazendeiro. Dei alguns minutos para que discutissem e então me aproximei de cada grupo e fiz o registro das estratégias elaboradas.

No final da aula, fizemos uma roda e discutimos quem poderia ser os personagens: capitão-do-mato, os escravos e o fazendeiro. Por que os escravos fugiam?

A Graziela me disse que enquanto estava presa chamava o senhor e dizia:

- *“Psiu! ei senhor, e dava uma piscadinha para ver se conseguia sair da prisão”.*

O Rafael disse que:

- *“Os escravos eram negros que trabalhavam para os fazendeiros e como levavam muitas chicotadas para trabalhar fugiam das fazendas e os senhores donos dos escravos contratavam capitães que iam no mato capturar quem fugia”.*

No encontro seguinte a fim de levar o aluno a relacionar, compreender e valorizar as manifestações da cultura corporal como movimento de resistência e luta pelo reconhecimento da equidade social, fiz algumas questões como:

1) Vocês acham que as estratégias de capturar e fugir que elaboramos na brincadeira “Fui pego na capoeira” poderiam ter acontecido na vida dos escravos?

2) Alguém sabe como viviam os escravos?

Neste momento, apresentei uma figura de Carlos Julião², deixei a figura presa na lousa. A Marcela logo respondeu:

- *“A vida dos escravos era muito ruim por isso alguns fugiam e iam morar no mato, os fazendeiros contratavam os capitães para ir capturar os escravos e aí eles treinavam capoeira para vencer o capitão-do-mato”.*

Depois de uma acalorada discussão sobre a brincadeira do dia anterior e a leitura da gravura, elaboramos, no coletivo, um texto explicando como se dava a relação da vida dos escravos com os capitães-do-mato, senhores, e as fugas. Ficou combinado que um aluno levantaria a mão quando quisesse dar opinião, o Fábio ia registrando o texto na lousa.

Transcrevo o texto produzido pelo 4º ano D:

Os escravos

“Se os capitães-do-mato encontravam os escravos fugindo eles levavam chicotadas. Eles sempre planejavam fugir. Foi no tempo vago que eles inventaram a capoeira para se proteger e quando iam apanhar usavam a capoeira para se defender.

— Era muito difícil eles fugirem quando conseguiam fugir ficavam em grupos chamados quilombos”.

² Figura de Carlos Julião – “escravos trabalhando numa mina de diamantes em Minas Gerais, na metade do séc XVIII, vigiados por capatazes”. (extraída do site www.expo500anos.com.br/painel_31.html fig. 77 (Faiscador com bateia. Reprodução. Saga, A Grande História do Brasil, vol.2, Abril Cultural 1981)

O texto produzido serve como avaliação reguladora, pois fica evidente que os conhecimentos acerca da temática carece de maior aprofundamento.

No encaminhamento do projeto, com a finalidade de ampliar os conhecimentos dos alunos e compreender as práticas da cultura corporal como forma legítima de expressão dos grupos sociais lemos o texto: “O surgimento da capoeira e sua trajetória”.³

O grupo descobriu que há controvérsias sobre a origem da capoeira e que isso se justifica pela complexidade da questão e pela dificuldade na obtenção de documentos que relatem a vida dos escravos durante os primeiros séculos de escravidão no Brasil. Que em 15 de dezembro de 1890 o então Ministro das Finanças Ruy Barbosa mandou incinerar, no âmbito do Ministério da Fazenda, os documentos que se referiam à escravidão, alegando que se deveria apagar da memória brasileira essa lamentável instituição. Mas que a capoeira no Brasil surgiu como luta de resistência de uma comunidade que trazia uma imensa bagagem cultural de sua terra de origem que se expressava na culinária, na arte, na religião, dança, alimentação, língua, e que precisou desenvolver um conjunto de técnicas de ataque e defesa em virtude da situação de opressão em que vivia durante a escravidão. Em outras palavras: era necessário aos negros não só permanecerem vivos e lutarem pela sua liberdade era preciso também preservar aspectos de sua cultura ancestral. Dessa forma, o surgimento da capoeira se confunde com a história da resistência dos negros no Brasil. Eis porque a maioria dos autores que escreveram sobre a questão associam o aparecimento da capoeira ao surgimento dos primeiros quilombos no Brasil. Procuramos algumas palavras no dicionário, como, por exemplo: capoeira e quilombos.

Recorremos, também, ao mapa para buscar informações complementares, como, em quais continentes ficam o Brasil e a África. Além disso, discutimos como os escravos vieram para o Brasil, como poderia ser sua viagem pelo mar. Houve comentários sobre filmes que tinham assistido e sobre o que aconteceu depois que foram libertos.

Com a finalidade de planejar e sistematizar as práticas corporais, apresentei uma figura do quadro jogo de capoeira⁴.

³ VERISSIMO, Marcos. Capoeira, Grupo Caifazes. São Paulo, 2004.v.1.

⁴ Quadro de capoeira de Rugendas –<http://www.capoeirado brasil.com.br/historia4.htm>

Conversamos sobre os movimentos que conheciam e achavam que desde sua origem a capoeira havia sofrido modificações.

A fim de ressignificar a prática, indagamos se poderíamos também modificar movimentos. Acharam que sim. Perguntei quem conhecia um movimento para ensinar aos demais, o Gabriel disse:

- *“a primeira coisa que temos a fazer é aprender a **ginga**”, “não existe capoeira sem ginga”.*

A turma foi dividida em pequenos grupos. Nesse dia, todos realizaram a atividade. Alguns com dificuldade para coordenar os movimentos de braços e pernas. No final da aula conversamos sobre o que é a “ginga”. Destacamos a seguir algumas respostas dos alunos:

- *“é a parte da dança da capoeira”.*

- *“podemos esconder na ginga a malandragem do capoeirista e enganar o adversário”,*

- *“A ginga serve também para descansar e atacar”.*

Perguntei ainda como o grupo aprenderia os próximos movimentos, ficou combinado que convidaríamos o mestre de capoeira da Casa de Cultura localizada nas proximidades da escola, alunos que tivessem bastante conhecimento sobre o tema e os próprios colegas da sala.

Com a finalidade de ampliar e aprimorar estratégias de comunicação, preparamos algumas questões para entrevistar o professor quando este chegasse à escola. Suas produções foram feitas em duplas e depois no coletivo escolhemos as que consideraram mais importantes e que contemplassem o que gostaríamos de saber:

Após a escolha relacionamos as seguintes questões:

1) *“Com que idade você começou a fazer capoeira?”*

2) *“Fale alguns nomes de golpes e esquivas”.*

3) *“Como você aprendeu a ginga, em que escola?”*

4) *“Já se interessou em lutar outras lutas?”*

5) *“O que tem que acontecer quando jogamos capoeira?”*

6) *“Como podemos fazer para aprender um golpe?”*

Com objetivo de construir conhecimentos sobre a cultura corporal de forma mais colaborativa a partir do tratamento e discussão das informações obtidas, acolhemos alguns

alunos de outras séries e períodos, irmãos de estudantes da sala que quiseram participar da aula. Vieram três participantes. Sentados em círculo, a turma observou os colaboradores que fizeram demonstrações dos movimentos, jogando capoeira. Escolhemos alguns para serem aprendidos, depois de identificá-los pelos nomes: “esquivas”, “meia lua de chão”, “meia lua de compasso”, “meia lua de frente”. A sala foi dividida em três grupos para facilitar a ação dos colaboradores. No final da aula, fizemos a roda de conversa. Os alunos ficaram bastante interessados em fazer o “aú”. Comentamos sobre as dificuldades enfrentadas: alunos empurrando uns aos outros; não ouvirem o colaborador quando este explicava. Destaco que, o Felipe disse:

- “ninguém que faz capoeira pode ficar brincando, todos têm que ficar quietos sem conversar, sem rir de quem erra”.

Na aula em que recebemos o professor de capoeira convidado, sentamos em roda de conversa para ouvir seus relatos. Depois de se apresentar, o mestre falou do seu trabalho com a capoeira, respondeu as questões dos alunos e mostrou as partes do instrumento: “Berimbau de barriga”, o que significa esse nome, como produz som e tocou para todos.

Pedi para que o professor explicasse se aqueles instrumentos e a capoeira apresentavam alguma ligação com a religião, ele disse que não. Segue seu depoimento a respeito:

- “é verdade que quando os negros africanos vieram para o Brasil trouxeram o que haviam aprendido com seus pais, seus costumes, seus hábitos, sua religião, mas hoje não existem só descendentes de africanos fazendo capoeira, e com a mistura de vários povos e outros costumes não podemos dizer que a capoeira tenha ligação com a religião”.

Ele fez diversos comentários: como deve ser a postura da pessoa que pratica capoeira; que ela é jogada com muita “ginga”; falou dos mestres Bimba e Pastinha; explicou a diferença da capoeira Regional e de Angola; onde ficam os instrumentos e como marcam o ritmo do jogo, como as pessoas entram na roda.

Na segunda aula que o professor compareceu ensinou alguns movimentos como a “benção”, “esquiva”, “queixada”, “meia lua de compasso”, “finta de autó”, que os alunos realizaram com muito entusiasmo.

O professor enfatizou que na capoeira não pode haver rivalidade, agressão, quem joga capoeira deve saber respeitar ser calmo e tranqüilo. Ele, também, ensinou a entrar na roda.

Fizemos uma roda no final e jogamos capoeira ao som do Berimbau.

Na aula seguinte compareceram alguns alunos que ensinaram movimentos e tocaram atabaque, ensinaram também a letra de músicas utilizadas quando jogam a capoeira.

Cantamos e acompanhamos ao ritmo de palmas, enquanto alguns alunos experimentaram tocar o instrumento. O grupo trouxe figuras de Caxixi, Pandeiro, Agogô e Reco-reco (instrumentos utilizados no jogo de capoeira).

Como estava bastante animada a aula, a Carolina sugeriu a possibilidade de organizar um festival para jogar capoeira e convidar pessoas para assistir, como seus pais, professores da nossa escola e o professor da Casa de Cultura com seus alunos e instrumentos.

A fim de ampliar e aprimorar estratégias de comunicação, na aula seguinte, escrevemos uma carta (texto coletivo) para o professor fazendo o convite para o festival:

Texto escrito pelo 4º ano D

São Paulo, 24 de setembro de 2008.

Prezado Mestre Raio Negro,

Grande Mestre Raio Negro, foi muito bom te conhecer e ter sua presença aqui na escola Zacaria. Gostaríamos que você viesse novamente aqui no dia 01/10/2008, às 15h10, para ver e participar do festival de capoeira. Por favor, traga sua equipe para jogar e tocar no festival.

Agradecemos, alunos do 4º ano ciclo I D.

Depois de escrita a carta, todos os alunos a assinaram, encaminhando-a para a Casa de Cultura.

Com o objetivo de compreender e valorizar as manifestações da cultura corporal como movimento de resistência e luta pelo reconhecimento da equidade social, trouxe o texto “Capoeira e religião”⁵.

O grupo descobriu que nos primeiros séculos de sua existência no Brasil, os africanos não tiveram liberdade para praticar os seus cultos religiosos. Sua religião era vista como

5- VERÍSSIMO, Marcos. Capoeira, Grupo Caifazes, São Paulo, 2004.v.1.

arte do diabo, como desordem pública e atentado contra a civilização.

Assim, autoridades, senhores, padres e policiais se dividiram entre tolerar e reprimir a prática de seus cultos religiosos. Os negros trouxeram suas crenças, seus hábitos, seus valores. Hoje, a Capoeira vem sofrendo um processo de "embranquecimento", isto é, os brancos também trazem para a capoeira seus costumes, seus conhecimentos, suas crenças.

Fizemos uma discussão sobre o assunto e alguns acharam que a capoeira não tem nenhuma ligação com religião outros continuaram acreditando que o som dos instrumentos lembra a macumba. Comentamos com o grupo que quando conhecemos superficialmente uma prática podemos distorcer ou nos equivocar quanto ao significado daquela atividade.

Assim, quando as crianças chegam na escola, trazem consigo tudo o que sabem sobre o mundo e sobre si mesmas: o que aprenderam nas mídias, na família, nas suas interações sociais. Como exemplo, cito a Graziela que quando na primeira brincadeira de nossas aulas piscava para o guarda tentando suborná-lo para sair da prisão. A história que contam sobre os escravos: "*peças que sofriam muito e tinham que fugir para não apanhar*", ajudam a perpetuar e reproduzir a condição de classe pois tornam os negros pessoas fracas, indefesas e submissas. A história nem sempre lhes conta que esse foi um grupo que também ofereceu resistência e lutou pela sua condição sócio-econômica. Na escravidão, os negros passaram de escravos a cidadãos marginalizados (situação, nos dias de hoje, comparável à dos ex-presidiários, condição de muitos pais de alunos), sem oportunidade de emprego e na miséria.

A Capoeira passou de arma de libertação a arma de opressão, visto que começou a ser usada para fins criminosos, que iam desde um simples assalto à contratação de capoeiras por políticos, com o intuito, por exemplo, de "melar" a candidatura de um rival, criando tumultos em comícios.

Depois de várias aulas com brincadeiras, rodas de conversa, leituras e discussões, organizamos o festival com a finalidade de ampliar e aprimorar estratégias de comunicação, a apresentação foi realizada com os alunos jogando capoeira ao som do berimbau, agogô, reco-reco, atabaque e pandeiro, marcaram ritmos com palmas e cantaram. Nesta aula, convidamos pais, professores da escola, alunos, o Mestre Raio Negro. Assistimos a apresentação do professor e seus alunos, que demonstraram como se joga a capoeira de Angola e a Regional.

As aulas foram registradas através da escrita e fotos o que me ajudou acompanhar o processo ensino-aprendizagem, planejar e elaborar novas ações.

Avaliei as contribuições do projeto para a aprendizagem dos alunos conforme faziam suas produções. Consegui perceber que a maioria dos alunos identificou alguns movimentos, instrumentos e percebeu essa prática como uma manifestação de um grupo que ainda é subjugado em nossa cultura. Minha avaliação se estendeu ao produto final, momento em que jogaram capoeira junto ao grupo visitante, participaram com entusiasmo, respeitando uns aos outros conforme as suas possibilidades, cerca de 90% dos alunos entraram na roda para jogar capoeira os demais tocaram instrumentos musicais ou marcaram ritmo com palmas. Para encerrar o projeto os alunos responderam individualmente questões em prova escrita.